



Cadernos da Rede

FORMAÇÃO DE PROFESSORES

**PERCURSOS DE APRENDIZAGENS:
A ESCUTA ATIVA E A EXPLORAÇÃO MUSICAL**

**A REDE EM REDE: A FORMAÇÃO CONTINUADA NA
EDUCAÇÃO INFANTIL**

EDITORIAL

Este já é o quarto fascículo da série Cadernos da Rede – Formação de professores. O intuito dessa coleção é compartilhar as reflexões dos professores participantes dos Percursos de Aprendizagens na Educação Infantil. Nessa edição, daremos destaque especial à Música.

O trabalho com a música na educação infantil compreende muito mais do que ouvir boas músicas ou aprender a cantar cantigas infantis. Mais do que isso, envolve apreciar e produzir música e, além disso, também aprender a ouvir. Esse é um dos conteúdos mais difíceis de se trabalhar e exige do adulto um alto conhecimento dos elementos da linguagem musical. Esse fascículo enfoca esse aspecto do trabalho com a música.

Os textos desta edição foram produzidos pelos formadores especialistas da área de música, Liliana Bertolini e Carlos Silva a partir das experiências vivenciadas junto aos professores participantes do curso Percursos de aprendizagens na Educação infantil: A Escuta Ativa e a Exploração Musical. O texto de abertura na seção **O assunto é** nos chama a atenção para a importância de compreender o papel do som e do silêncio na composição da música. A seguir na seção **Trabalho pedagógico**, apresentamos o texto que traz reflexões sobre a qualidade do som. Os demais textos dessa seção, mostram como podemos usar des-

se conhecimento para desenvolver a escuta ativa das crianças na educação infantil. Na seção **De olho na prática**, você encontrará questões que o ajudarão a fazer um bom diagnóstico para começar um trabalho com experiências musicais. Em **Para fazer mais**, uma ficha musical e uma discografia para ajudar a organizar e ampliar seu conhecimento acerca do repertório musical. Nossa **Palavra final** é composta por uma citação de Donatello Grieco sobre Villa-Lobos.

Boa Leitura!



Prefeito de São Paulo
Gilberto Kassab

Secretário Municipal de Educação
Alexandre Alves Schneider

Secretária Adjunta de Educação
Célia Regina Guidon Falótico

Diretora de Orientação Técnica
Regina Célia Lico Suzuki

APRESENTAÇÃO

A Secretaria Municipal de Educação tem trabalhado para consolidar uma educação infantil de qualidade nessa que é uma das maiores redes de ensino do país. Diariamente nossos profissionais – professores, coordenadores pedagógicos, gestores e equipes de apoio - atendem cerca de 430 mil crianças, distribuídas em nossas 13 DRE. Oferecem o melhor em termos de uma rotina estável, de experiências culturais relevantes, de convivência ética e saudável. Os resultados podem ser observados nas práticas, nos avanços que ano a ano as unidades educacionais vêm apontando.

Toda essa mudança não se faz sem o trabalho coletivo. Por esse motivo, desde 2005 todos os profissionais dessa rede estão envolvidos em um programa de formação que visa melhorar a qualidade da educação por meio da atualização profissional e da discussão de propostas inovadoras. O programa de Orientações Curriculares e a publicação do documento com as Orientações Curriculares e Expectativas de Aprendizagem para a Educação Infantil em 2007 foi apenas o início de um processo de reflexões e mudanças nas unidades educacionais.

Agora, é chegada a hora de ver o que nossa própria rede está produzindo a partir dessas Orientações Curriculares, nos diferentes espaços de formação profissional, nos grupos de professores, de coordenadores pedagógicos e de diretores. Em continuidade à produção de publicações voltadas para a Educação Infantil da Secretaria Municipal de Educação de São Paulo, tenho o prazer de apresentar mais um fascículo da coleção Cadernos da Rede – Formação de Professores. Nesse material é possível encontrar subsídios para alimentar as discussões nas EMEI e nos CEI rumo à consolidação de novos paradigmas para a educação infantil. A tônica dessas publicações é a voz de nossa própria Rede. Nas próximas páginas veremos em destaque a experiência de nossos próprios profissionais que já constroem diariamente alternativas criativas para acolher as crianças e suas famílias e para enfrentar os desafios que o mundo contemporâneo nos impõe.

A exemplo dos demais materiais produzidos pela Secretaria de Educação da cidade de São Paulo, esperamos, mais uma vez, o seu comprometimento para fazê-lo circular pela Rede, torná-lo vivo a fim de que possam inspirar novas práticas educativas.

Desse modo, trabalhando em rede, vamos mantendo o diálogo aberto avançando e muito rumo à excelência na Educação Infantil paulistana.

Alexandre Alves Schneider
Secretário Municipal de Educação

CARTA AO PROFESSOR

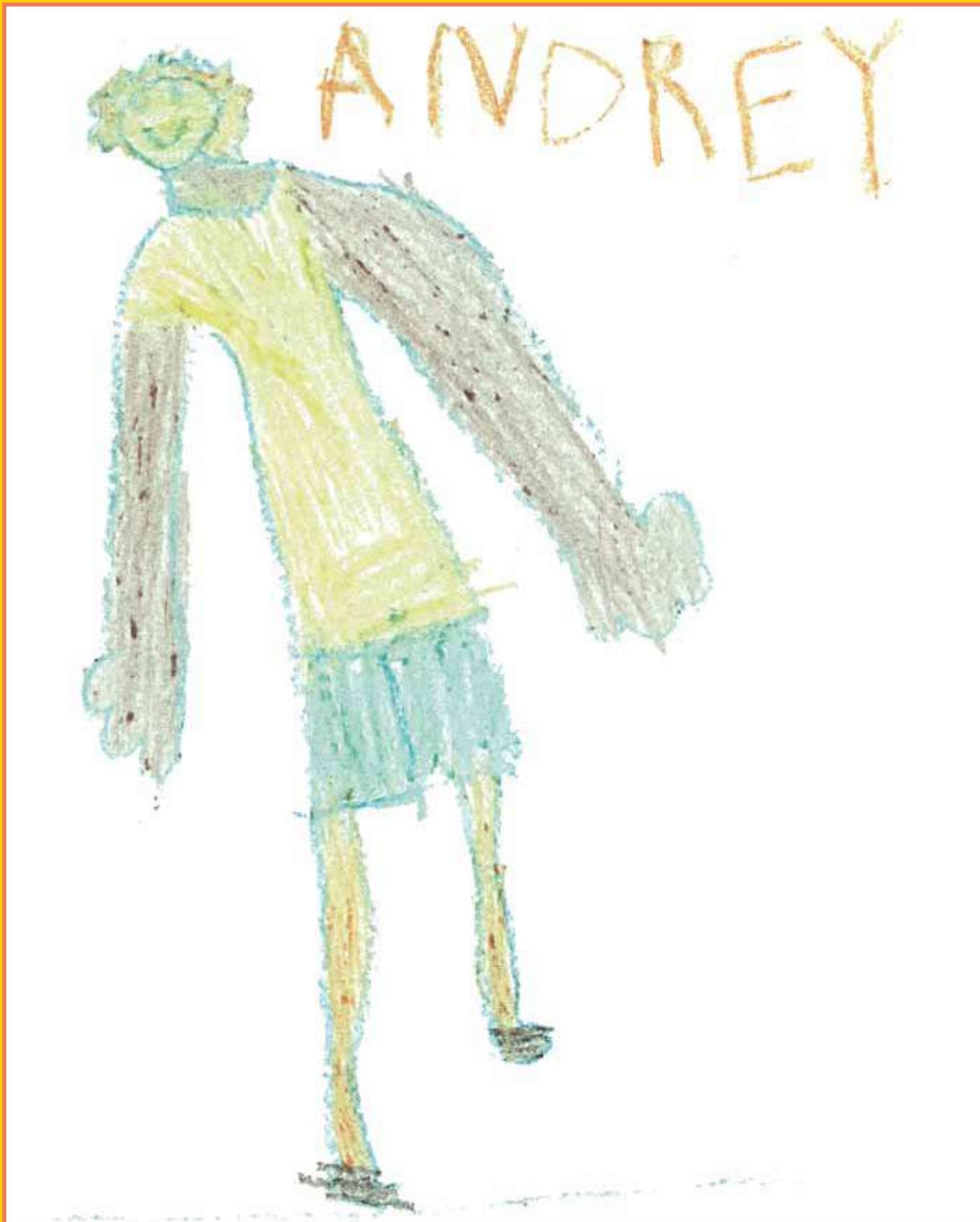
Caros professores,

Assim como as publicações dos demais fascículos, a elaboração deste material foi coordenada pela Diretoria de Orientação Técnica – Educação Infantil, envolvendo os formadores, assessores e principalmente os professores de educação Infantil da Rede Municipal de São Paulo. O intuito de publicar mais um fascículo dessa coleção é compartilhar as reflexões dos professores participantes dos cursos de formação desenvolvidos ao longo de 2010 e 2011 em parceria com as 13 DRE e, ao mesmo tempo subsidiar as práticas e as reflexões de todos os envolvidos na educação infantil das Unidades dessa Rede. Os artigos apresentados nessa edição foram inspirados nas reflexões sobre as experiências de professores e crianças de nossa Rede, sem as quais não seria possível produzir esse material. As professoras que participaram do curso desenvolveram as propostas de trabalho pessoal e trouxeram suas experiências para compartilhar em grupo. Por isso, agradecemos às professoras Ana Paula F. Manocchi Molinari do CEI Parque das Paineiras e Carla Rodrigues Ávila Garrote da EMEI Maria Vitória da Cunha, Vanessa Moreira da Silva do CEI Jardim Hereília, Rosana Bruciaferi Urbaninho do CEI Anna Florência Romão, Ivone Aparecida Lima Freitas, da EMEI Recanto Campo Belo. E, agradecemos especialmente às crianças dos CEI e EMEI que contribuíram com lindos desenhos que ilustram essa edição.

Neste fascículo, formadoras e participantes da formação comentam alguns registros de atividades que abordaram alguns dos temas apresentados. Essas atividades foram planejadas em conjunto durante os encontros de formação, conduzidas pelos participantes com os seus respectivos grupos de crianças, apresentadas e comentadas pelos formadores e integrantes dos grupos.

Esperamos que esses relatos possam inspirar novas experiências a todos os professores e com isso possam avançar a cada dia, junto com as crianças, em suas práticas educativas nas Unidades.

Abraços



Menino batendo o pé



O assunto é **8**

Voz e escuta: Construção da expressão musical **8**

Trabalho Pedagógico **11**

Qualidades do som: Escuta Ativa e a Exploração Musical **11**

Os cotidiáfonos: Uma proposta para aprender a escutar ativamente ... **14**

Barulho, ruído, som e silêncio: A escuta musical como conteúdo de aprendizagem **18**

SUMÁRIO

O que se pode fazer com a voz: Propostas para trabalhar com a voz na educação infantil **22**

De olho na prática **29**

Diagnosticando o trabalho com a música na unidade **29**

Para fazer mais **31**

Repertório Musical **31**

Para saber mais **33**

Indicações para leitura e pesquisa **33**

Palavra Final **36**

Chorinho, a alma brasileira da música popular **36**

VOZ E ESCUTA

CONSTRUÇÃO DA EXPRESSÃO MUSICAL

Carlos Silva¹

“Que se pode crescer assim pra nós
Uma flor sem limite
É somente porque eu trago a vida aqui na voz.”

(Minha Voz, Minha Vida – Caetano Veloso)

A voz é uma das dimensões mais instigantes e fundamentais da constituição humana. Ela diz respeito a condições estritamente corporais e fisiológicas e, ao mesmo tempo, está vinculada a eventos de ordem psíquica e emocional. Além disso, constituiu elemento de ordem fundamental no desenvolvimento da comunicação e conhecimento humanos, uma vez que, sobretudo a partir dela, formou-se um dos meios mais constantes e recorrentes de pensar e comunicar que a espécie humana foi capaz de elaborar: a linguagem verbal.

Hoje, mergulhados nas imposições da sociedade letrada, damos pouco valor à influência dos aspectos sonoros da fala como transmissores de informação. Quem já não passou pela experiência de perceber um contraste entre o conteúdo de uma fala e o modo como ela foi proferida, a ponto de ficarmos inseguros sobre a coerência da resposta? Os aspectos envolvidos nesse tipo de situação são chamados de para-linguísticos e se referem, não apenas, mas em grande parte, aos quatro parâmetros básicos do som, tão importantes ao tratarmos da linguagem musical: duração, frequência, volume e timbre.

Esse tema é mesmo bastante intrincado e já despertou interesse de muitos pensadores e pesquisadores em diversos momentos da história. A citação de um deles ilustra significativamente as relações deste tema com os tópicos propostos no nosso curso de formação: Percursos de Aprendizagens na Educação Infantil “A Escuta Ativa e Exploração Musical”. Jean-Jacques Rousseau, importante filósofo, teórico político, escritor e

¹ O formador produziu o texto a partir da experiência com professores participantes do curso: Percursos de Aprendizagens na educação infantil - A escuta ativa e a exploração musical na DRE Penha, 2011.

compositor autodidata, que viveu no século XVIII, na época do Iluminismo, foi um dos enciclopedistas que teve como tarefa escrever sobre o fenômeno musical. No entanto, o resultado dessa investigação culminou num trabalho a respeito da linguagem, intitulado: *Ensaio sobre a Origem das Línguas*.² Instigado sobre como a música teria surgido no processo de evolução da espécie humana, Rousseau foi conduzido a uma especulação a respeito da origem das línguas, tão imbricadas e interdependentes música e linguagem estavam, e estão. As suas suposições tiveram fontes variadas, uma delas, e muito importante, foram suas observações do comportamento dos seres humanos nos primeiros anos de vida em relação à aquisição e desenvolvimento da linguagem e a necessária utilização da voz, bem como procedimentos vocais.

Os sons simples saem naturalmente da garganta, permanecendo a boca, naturalmente, mais ou menos aberta. Mas as modificações da língua e do palato, que fazem a articulação, exigem atenção e exercícios; não as conseguimos sem desejar fazê-las. Todas as crianças têm necessidade de aprendê-las e inúmeras não o conseguem com facilidade. (...) Em todas as línguas, as exclamações mais vivas são inarticuladas. Os gritos e gemidos são vozes simples; (...) As articulações são poucas, os sons são inúmeros e os acentos, que os distinguem, podem do mesmo modo multiplicar-se. Todas as notas musicais são outros tantos acentos. (Do latim *accentus* = canto, é a modulação da voz humana, que se reforça e se enfraquece sobre certas sílabas do vocábulo, dando-lhe maior ou menor sonoridade; do que resulta a variedade, a harmonia, a beleza musical das palavras, elemento tão necessário como o próprio som). Consultando o Dicionário de Música, do próprio Rousseau, encontramos o seguinte: *ACCENT*, Assim se chama, na acepção mais geral, qualquer modificação da voz falada na duração e tom das sílabas e palavras de que se compõe o discurso, o que demonstra uma relação exata entre os dois usos dos acentos e as duas partes da melodia, a saber, o ritmo e a entonação.³

Com as primeiras vozes formaram-se as primeiras articulações ou os primeiros sons, segundo o gênero das paixões que ditavam estes ou aquelas. A cólera arranca gritos ameaçadores, que a língua e o palato articulam, porém a voz da ternura, mais doce, é a glote que modifica, tornando-a um som. Sucede, apenas, que os acentos são nela mais frequentes ou mais raros, as inflexões mais ou menos agudas, segundo



² Rousseau, Jean-Jacques: *Coleção Os Pensadores*, Ed. Nova Cultural, 1999.

³ Rousseau, Jean-Jacques: *Ensaio sobre a Origem das Línguas*, p. 269-270. *Coleção Os Pensadores*, Ed. Nova Cultural, 1999.

o sentimento que se acrescenta. Assim, com as sílabas nascem a cadência e os sons: a paixão faz falarem todos os órgãos e dá à voz todo o seu brilho; desse modo, os versos, os cantos e a palavra têm origem comum. À volta das fontes de que falei, os primeiros discursos constituíram as primeiras canções; as repetições periódicas e medidas do ritmo e as inflexões melódicas dos acentos deram nascimento, com a língua, à poesia e à música, ou melhor, tudo isso não passava da própria língua naqueles felizes climas e encantadores tempos em que as únicas necessidades urgentes que exigiam o concurso de outrem eram as que o coração despertava.⁴

Quem trabalha com educação infantil está diante desses processos diariamente. As crianças desde sempre experimentam, testam, retificam e ratificam suas capacidades vocais e a partir disso, criam e assumem padrões e modelos de vocalização. A voz assim concebida torna-se uma das primeiras formas de exploração e elaboração musical, questão enfocada especificamente em uma das pautas dos encontros do curso: Percursos de Aprendizagens na Educação Infantil - A Escuta Ativa e Exploração Musical. As discussões e comentários de atividades planejadas durante o curso provocou em vários participantes a constatação e sensibilização de possibilidades que um trabalho focado na voz oferece: desenvolvimento e aprofundamento do material musical nas crianças, entre outros ganhos. Parte desse trabalho é o que vocês, leitores, poderão encontrar nas próximas páginas.



⁴ Rousseau, Jean-Jacques: *Ensaio sobre a Origem das Línguas*, p. 303. Coleção Os Pensadores, Ed. Nova Cultural, 1999.

QUALIDADES DO SOM

ESCUA ATIVA E A EXPLORAÇÃO MUSICAL

Liliana Bertolini⁵

Vivemos num mundo extremamente sonoro. É grande a quantidade de objetos eletrônicos e máquinas que nos rodeiam. Nossas casas, nosso trabalho, as ruas por onde andamos são repletas de sons. Nosso volume de voz em função disso, já está mais alto, e as crianças que nascem nesse ambiente convivem com um nível de som que cresce a cada ano. Mas, em muitas situações percebemos que há uma anestesia auditiva, como se as pessoas estivessem se acostumado a toda essa sonoridade.

O som também tem medida? Já parou para pensar, por exemplo, sobre a medida do som no cotidiano de seu trabalho? Para medir o volume do som, utiliza-se um aparelho chamado decibelímetro e a unidade de medida é o decibel (db). Um sussurro, por exemplo, mede 15 db. Já uma conversa, mede 60db. Uma buzina de automóvel, 110db e um show de rock ou motor a jato, 120 db.

Através dessa medição também conhecemos o nível de poluição sonora. Qualquer som que ultrapasse a 130 decibéis, como por exemplo um avião voando baixo, chega a causar dor. A partir de 85 db, se a exposição for de 8 horas já haverá perda auditiva.

Aprender a escutar é um importante conteúdo da educação musical e falar sobre escuta envolve o despertar para um sentido pouco exercitado e fundamental para o início da Educação Musical. Se não há percepção de todo esse ruído do mundo contemporâneo, como poderíamos esperar uma percepção dos sons apresentados numa sala de aula, ou de uma música?

Dessa maneira, o despertar da escuta ativa parte da percepção dos sons que nos rodeiam, inspirado no trabalho do músico canadense Murray Schafer, que liderou uma importante pesquisa a respeito do ambiente sonoro na Universidade de Vancouver. Esse projeto chamado de "The World Soundscape Project" propunha a elaboração de um projeto acústico mundial para reduzir a poluição sonora. Quais os sons que queremos eliminar, conservar ou produzir? Sobre isto, diz Murray Schafer:

⁵ A formadora produziu o texto a partir da experiência com os professores participantes do curso: *Percursos de Aprendizagens na educação infantil - A escuta ativa e a exploração musical na DRE Santo Amaro, 2010.*

Considero que a maneira de melhorar a paisagem sonora mundial é bastante simples. Temos que aprender a escutar. Pareceria que se trata de um hábito esquecido. Devemos sensibilizar o ouvido ao mila-groso mundo sonoro que nos rodeia. Quando tivermos desenvolvido alguma agudeza crítica poderemos idealizar projetos de maior envergadura com implicações sociais de modo que outras pessoas possam ser influenciadas por nossas próprias experiências. O objetivo primordial consistiria em começar a tomar decisões conscientes sobre o próprio desenho do nosso universo sonoro.

Sons, silêncio e ruídos constituem o que Schafer denominou de "Paisagem sonora", que é construída ao longo da vida e assume um significado subjetivo para o ouvinte. Além disso, apesar da grande importância do silêncio para a nossa saúde, já está constatado que ele deixou de ser, por influência das tecnologias e urbanização, a ausência total de sons, mas a ausência relativa de sons em determinada situação.

Outro aspecto a ser destacado é o ruído, que para Schafer são "sons que aprendemos a ignorar". Para o autor a poluição sonora é combatida na medida em que se diminui o ruído.

Ouvir implica em estar disposto a isso. Ouvir é uma atitude dinâmica. Não se trata apenas de contemplação, mas de pré-disposição sem valores de julgamento, mas de compreensão do contexto daquilo que está sendo escutado. A escuta é parte integrante da identidade da pessoa; cada um identifica, através da escuta os sons do ambiente onde se vive, onde se trabalha, no trajeto que se percorre no cotidiano. Para ilustrar, geralmente identificamos as vozes, os sons das pessoas com as quais convivemos, dos objetos e sons que nos pertencem e assim também com as músicas que escolhemos. Ao se escutar diferentes sons e músicas muitas vezes, vamos nos apropriando desses sons, percebendo seus detalhes, de forma a identificá-los em qualquer situação. Essas experiências de escuta contribuem para a ampliação do nosso universo sonoro e conseqüentemente para a paisagem sonora que se constrói durante o decorrer da vida. Cada pessoa tem um repertório sonoro acumulado, memorizado, que o acompanha durante toda a vida.

A metodologia de trabalho de Murray Schafer foi aplicada não só na universidade como também em escolas, pois é inegável a sua contribuição para o despertar da escuta ativa. Nesse fascículo, vamos conhecer o trabalho de alguns professores da rede que desenvolveram boas propostas para o trabalho com a escuta musical como conteúdo da educação infantil.



Ensinar crianças a ver e olhar, a ouvir e a escutar, não é um dos principais objetivos da educação. A educação não consiste em criar no aluno as qualidades que ele não possui, mas na verdade, ajudá-lo a tirar proveito das qualidades que ele já possui. É o educador que tem que conseguir realizar esta tarefa difícil, ou seja, desenvolver em seus alunos a liberdade de ação e pensamento. Para chegar a obter esses objetivos, todo educador deve compreender entre outras coisas a diferença essencial entre instrução e educação: a instrução é passiva, é um meio de acumular conhecimento. A educação é uma força ativa, que opera sobre a vontade, coordenando as diversas funções vitais.

Emile-Jaques Dalcroze



Foto: Proª Eiza Messias Ferreiro e Proª Rosana Campos da Silva / CEI Mankel - DRE Pirituba/Jaraguá



OS COTIDIÁFONOS

UMA PROPOSTA PARA APRENDER A ESCUTAR ATIVAMENTE

Liliana Bertolini⁶

As crianças, a partir do nascimento, pesquisam, escutam e fazem som. Antes de saber andar, elas se movimentam nos locais onde se encontram (berço, carrinho ou no chão) balbuciam, choram, sorriem e com o tempo, adquirem mais independência, começam a satisfazer suas curiosidades, vão em busca dos objetos e brinquedos à sua volta para mexer, cheirar, experimentar, colocar na boca, bater, e fazer todo tipo de movimentação possível que elas saibam ou descubram nessa maratona. Assim, desde sempre as crianças começam a colecionar os sons e construir sua história sonora.

Para o educador musical francês Delalande, a observação e o respeito pelas formas como os bebês exploram os sons são as maneiras mais adequadas do educador dar oportunidade para as crianças terem acesso à experiência musical.

Portanto, quanto mais os adultos disponibilizarem materiais e brinquedos para o manuseio dos meninos e meninas, mais eles realizarão suas experiências de exploração e conhecimento dos objetos e do mundo onde vivem.

Agora, você sabia que as crianças também podem construir instrumentos musicais e podem aprender muito com isso? Existe um profissional chamado "Luthier", que constrói instrumentos musicais artesanalmente. Muitas vezes o conhecimento do seu fazer é passado de pai para filho. Ele precisa conhecer o comportamento dos materiais que ele utilizará na elaboração dos instrumentos, pois isso resultará na qualidade sonora. O material mais utilizado é a madeira para instrumentos convencionais como violino, violoncelo, violão e até guitarras. Mas, existem construtores de instrumento que utilizam materiais alternativos como canos de PVC, placas de vidro, bambus e cabaças, como é o caso do Grupo UAKTI e Luthier e compositor Fernando Sardo. Foi a pesquisa do Luthier e artista plástico Walter Smetak, que inspirou esses músicos.



⁶ A formadora produziu o texto a partir da experiência com os professores participantes do curso: *Percursos de Aprendizagens na Educação Infantil – A escuta ativa e a exploração musical na DRE Santo Amaro, 2010.*

Como grandes observadores dos adultos próximos, estes pequenos “cientistas” imitam e criam várias possibilidades sonoras a partir dos sons da voz dos adultos e do manuseio dos objetos do cotidiano. Um movimento muito comum das crianças ao iniciar os primeiros passos é arrastar coisas. Conforme observou Pires (2006), ao acompanhar as crianças de um Centro de Educação Infantil (CEI):

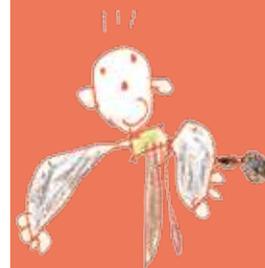
Observei as experiências de algumas crianças com uma cadeira. A cadeira da sala transforma-se em brinquedo para elas durante certo tempo. Uma delas arrastava friccionando no chão, de forma que a cadeira emitia um som que lhe parecia ser bastante interessante. (p.60)

A exploração sonora de objetos do cotidiano, na verdade, já é uma prática das crianças, mas os adultos precisam ver com olhos de educadores esses movimentos e valorizá-los, permitindo que as crianças tenham tempo e espaço para as explorações sonoras. Segundo Delalande, os bebês experimentam batendo, raspando e, aos poucos vão organizando as pesquisas, repetindo gestos e movimentos que aprendem e vão internalizando. A não interferência do adulto garante um bom trabalho de exploração do universo sonoro pela criança.

Muitas tradições musicais são aprendidas oralmente, outras aprendidas em academias de música e em toda parte há uma enorme variedade de instrumentos musicais. As fontes sonoras a serem pesquisadas pelas crianças são inúmeras. No entanto, quando estão maiores, preferem construir, manusear materiais, entender mecanismos, assim, a construção de instrumentos é uma oportunidade interessante para que conheçam os processos pelos quais passam os diferentes materiais sob o ponto de vista auditivo.

A prática da construção de um instrumento envolve uma pesquisa auditiva muito rica que está ligada aos Parâmetros do som. São eles: altura (agudos, médios e graves), intensidade (fortes e fracos), duração (longos e curtos) e timbre (qualidade do som que está ligada aos materiais como madeira, plástico etc). É a combinação dessas características do som que permite que se construa um instrumento, e o método se faz através de experiências numa oficina cheia de objetos do cotidiano e ferramentas!

A educadora musical argentina Judith Akoschky criou o termo “cotidiáfono” para designar os instrumentos musicais construídos com material do nosso cotidiano. Podemos desmembrar a palavra: “cotidia” de cotidiano e “fono”, de sonoro. Ela sugere a construção de uma grande



variedade de instrumentos com o intuito de proporcionar às crianças a pesquisa auditiva de diferentes materiais e suas combinações.

Na foto a seguir vemos um instrumento de corda feito a partir de uma cadeira com elásticos. A partir da pesquisa sonora com todos os parâmetros da música aplicados e trabalhados, desenvolve-se um pensamento com relação à timbre, duração, altura e intensidade, que se aplica em instrumentos convencionais. O que é uma caixa acústica, como ressoam os materiais diversos dentro delas, como o tamanho e o material influenciam a sonoridade. Pode-se compreender facilmente, então, a construção de um violão, de um violino ou de qualquer outro instrumento. Outro dia, ouvi o seguinte relato: o menino Carlos de 5 anos entrou na sala da diretora e disse: "Posso pegar este elástico azul?" A diretora Valéria respondeu: "Mas, para quê você quer este elástico?" "Ah !" - respondeu Carlos - "Porque o amarelo tem um som muito ruim!"

Foto: Acervo EMEI Professor Alexandre Correia - DRE Santo Amaro



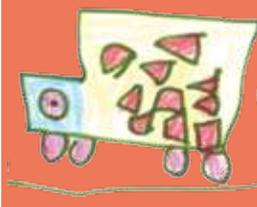
Instrumento de corda feito pelas crianças, a partir de uma cadeira com elásticos. A foto, apesar de desfocada, é altamente significativa no contexto da produção.

A pesquisa para a construção de "cotidiáfonos é infindável, e você pode utilizá-los para sonorizar histórias, reproduzir sons da natureza como chuva, trovão, criar sons imaginários como o som de um dragão, ou de um castelo mal assombrado.

Atividade 3: Construção de instrumentos

A construção de instrumentos com materiais alternativos permite conhecer o pensamento que está por trás da construção de um instrumento convencional, além de reforçar os conteúdos já abordados, como os parâmetros do som. Esse trabalho contribui para a produção infantil e dos adultos envolvidos no processo, pois revela a possibilidade de um outro olhar sobre os objetos que nos rodeiam. Este trabalho antecede a utilização de instrumentos musicais convencionais, para que a criança seja estimulada a pesquisar a sonoridade dos objetos do cotidiano. Essa atitude reforça a constatação de que os sons existem não só nos instrumentos musicais convencionais, mas em todos os objetos que nos cercam. Todas as atividades devem ser experimentadas e vividas com as crianças e contextualizadas na roda de conversa. De acordo com a faixa etária o professor decidirá se construirá os cotidiáfonos com as crianças ou utilizará aqueles que ele mesmo construiu.

Foto: Acervo Formadora Lílana Bertolini



BARULHO, RUÍDO, SOM E SILÊNCIO

A ESCUTA MUSICAL COMO CONTEÚDO DE APRENDIZAGEM

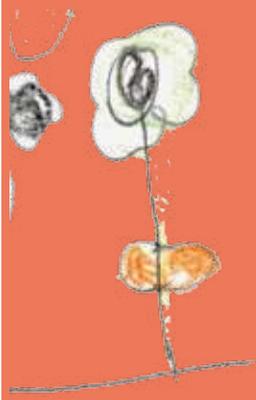
Carlos Silva⁷

Pensar sobre o que diferencia os eventos que dão título a este texto é uma tarefa que pode oferecer boas pistas de como tratar o trabalho de musicalização na educação infantil. O uso ordinário e cotidiano destas expressões acaba por plasmar as nuances de significados que podem colorir uma reflexão e, sobretudo, nossa vivência com barulho, ruído, som e silêncio. Nesse momento, o silêncio será preterido para que possamos centrar um pouco mais nossa atenção sobre os outros elementos, muito embora seja quase que unânime a noção da dependência entre eles. Aliás, o silêncio é quase sempre concebido como a ausência de algo. Seria um exercício instigante pensá-lo como a presença de algo que não o que normalmente se entende como seu oposto, isto é, uma manifestação sonora qualquer.

Interessante perceber nos encontros de formação cujo tema foi “escuta ativa e exploração musical” que, de uma maneira geral, as expressões “barulho” e “ruído” carregam uma conotação de incômodo, muito frequentemente associadas a distúrbios quantitativos em relação à expressividade ou organização de linguagem, conseqüentemente indesejável e, tanto quanto possível, evitável. Ao passo que a expressão “som” traz uma imagem positiva ou, no mínimo, de concessão. No entanto, do ponto de vista da definição da física acústica qualquer fenômeno acústico é som, seja o resultante da execução de uma melodia de Bach ao violino ou o de uma britadeira num canteiro de obras. Por outro lado, um toque de celular com a melodia do Carinhoso de Pixinguinha que irrompe em meio a uma sessão de meditação pode constituir um ruído traumático e pesaroso.

Desenvolver e alimentar essa discussão com as professoras nos encontros foi muito controverso, porém, produtivo. A produção sonora das crianças na educação infantil está comumente vinculada a barulho e ruído, e som, via de regra, é relacionado a algo exterior à produção delas. Nos relatos das professoras é bastante constante a menção ao som da música do CD, dos passarinhos, dentre outros. Por em foco que na contemporaneidade a produção musical é contextual foi revelador, principalmente quando pensamos

⁷ O formador produziu o texto a partir da experiência do curso: *Percurso de Aprendizagens na Educação Infantil - Escuta ativa e a exploração musical na DRE Penha, 2011.*



na importância de assumir a expressão sonora da criança como sendo potencialmente musical, desde que seja realizado um trabalho consistente de observação que fundamente propostas planejadas de intervenções que levem ao desenvolvimento da sensibilização musical.

Os trabalhos pessoais sobre o desenvolvimento dos temas propostos nos encontros de formação revelaram evidências do tema acima exposto. As próprias participantes reconheceram que, subliminarmente, tratam a questão dessa maneira. A professora Ana Paula F. Manocchi Molinari do CEI Parque das Paineiras conclui uma reflexão sobre a proposta de trabalho de exploração sonoro-musical da seguinte maneira: "O CEI tem uma limitação no tempo, consequência da rotina. O que não pode permanecer é o pensamento a respeito da bagunça, do barulho⁸ e, muitas vezes, que as crianças não vão conseguir realizar as atividades plenamente". No entanto, ao relatar o desenvolvimento da mesma atividade em outra parte do Trabalho Pessoal, ela se refere da mesma forma ao que as crianças estavam fazendo: Feita a roda de conversa iniciamos a distribuição de materiais, que na verdade gostaríamos que tivessem sido escolhidos pelas crianças, (...). Eles fizeram bastante barulho! Quando comentamos esse aspecto no encontro, ela mesma percebeu que esta passagem é difícil de ser conscientizada e assumida de maneira consequente. Nem mesmo a dimensão positiva é fácil de ser consciente. Ela mostrou a gravação da proposta e, no desenrolar dos acontecimentos, deixa de se referir à execução das crianças como barulho e passa a usar expressões como som e música. No entanto, a professora não havia reparado nesse fato, bastante notório para quem assiste à gravação com foco em como são percebidos e interpretados os eventos "som, barulho e ruído" na perspectiva que estamos apontando aqui.

Outro exemplo é o da professora Carla Rodrigues Ávila Garrote da EMEI Maria Vitória da Cunha. Na proposta desenvolvida por ela com seu grupo, a partir do tema exploração sonora de objetos presentes no cotidiano, relata: "Nesse primeiro momento exploraram o espaço da sala, movimentando-se livremente e utilizando os materiais que quisessem para produzir sons. Rapidamente encontraram o que queriam e começaram a fazer aquele "barulhão". Já no relato e avaliação da proposta seguinte, referente à construção sonora a partir de cotidiáfonos e instrumentos construídos, usa apenas expressões como: som, resultado sonoro conseguido, sons pesquisados, apresentação para o grupo com o respectivo som, dividiram-se em grupos com materiais de sons parecidos, e por aí vai.



⁸ Os grifos do texto foram acrescentados pelo formador Carlos Silva.

Foi muito perceptível a transformação de perspectiva com relação ao significado desses termos e as possíveis consequências que podem advir do aprofundamento da consciência e da mudança de paradigmas do que seja música, produção e construção musicais, no que diz respeito ao que é reconhecido social e culturalmente, mas principalmente no que se refere à inserção pedagógica dessas mudanças na abordagem da ampliação da musicalidade das crianças.

Paisagem Sonora

Liliana Bertolini⁹

A professora Ivone Aparecida Lima Freitas, da EMEI Recanto Campo Belo da DRE Capela do Socorro realizou o “passeio sonoro”, uma proposta para ouvir a sonoridade do ambiente. Ela nos conta sua experiência no relato a seguir:

“A primeira proposta consistia em parar para ouvir a sonoridade do ambiente. Após a sensibilização para a escuta dos sons que são ouvidos, na sala de aula de olhos fechados e relatar os sons ouvidos, as crianças foram convidadas a passear pela escola e parar em diversos ambientes como o pátio, a cozinha, a secretaria, para ouvir e relatar os sons ouvidos. Em seguida, as crianças desenharam os sons da escola. Por fim, propus que conversássemos sobre isso na roda de conversa: Quais os sons que vocês mais gostaram? Quais os sons que foram desagradáveis? E qual foi o som mais forte e o mais fraco que pudemos perceber durante esse passeio? A ação reflexiva construída juntamente com as crianças trouxe uma certa consciência da qualidade sonora do ambiente e uma possível transformação na direção de uma melhora da paisagem sonora da unidade escolar. Além



⁹ A formadora produziu o texto a partir da experiência com os professores participantes do curso: Percursos de Aprendizagens na educação infantil - A escuta ativa e a exploração musical na DRE Santo Amaro, 2010.

disso, envolvem aprendizagens como o desenvolvimento da memória auditiva, da distinção de diferentes timbres (qualidades) e intensidades de som, que fazem parte de conteúdos específicos do Ensino Musical.”

Para essa proposta foram necessários alguns passos para prepará-la, como pensar qual o local adequado e em que momento do dia ela seria realizada. Para isso, é preciso que o professor conheça sua turma e experimente fazer essa atividade mais de uma vez, em momentos e locais diferentes. No relato dos professores de CEI e EMEI que aplicaram essa proposta com as crianças notamos a surpresa com o envolvimento que elas demonstram e a alegria ao participar da escuta e comunicar os sons ouvidos por elas. Com o tempo, elas demonstram incorporar essa atitude da escuta e a manifestam em situações de brincadeira, roda de histórias, no refeitório, entre outras. Outro aspecto importante para o professor é lembrar que a fala e a audição caminham juntas, e neste momento ele poderá observar se as crianças estão ouvindo bem.

Ilustração: Arquivo da EMEI Cidade do Sol



Sons da escola na perspectiva das crianças



O QUE SE PODE FAZER COM A VOZ

PROPOSTAS PARA TRABALHAR COM A VOZ NA EDUCAÇÃO INFANTIL

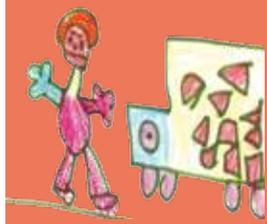
Carlos Silva¹⁰

Nas próximas páginas, quero apresentar o exemplo de uma atividade significativa que foi planejada e desenvolvida pela professora Vanessa Moreira da Silva com o mini grupo I do CEI Jardim Hereília da DRE Penha. Mas, antes de expor a atividade pensada pela professora, é necessário que se explicita que quando tratamos do tema “voz” nos nossos encontros trabalhamos a noção de aparelho fonador como um todo. Assim, sua proposta envolveu o trabalho musical e sonoro por meio deste.

Para tanto, conforme o depoimento registrado no TP (Trabalho Pessoal) da professora Vanessa, a atividade foi introduzida com a preparação de “um ambiente relaxante com colchonetes, tapetes e almofadas” para, então, sugerir que as crianças imaginassem sons possíveis de serem produzidos com a voz, com a boca ou em combinação. Em seguida uma criança de cada vez deveria apresentar seu som e depois todas simultaneamente, criando uma roda musical, a professora indicaria com movimentos corporais a duração dos sons. Definiu como objetivo a exploração do aparelho fonador como instrumento musical e, como conteúdo, os sons descobertos e estabelecidos com aquele, e os parâmetros sonoros de duração e timbre. “A intenção era que a atividade deveria ser realizada em aproximadamente trinta minutos, entre os exercícios de relaxamento e respiração, criação do som individual, apresentação em grande grupo, roda de música e hora de conversa para analisar a atividade realizada”.

Por fim, de acordo com o planejado haveria, ainda, “a hora da conversa, questionando a respeito da diferença dos sons criados pelas crianças, realizando comparações entre os opostos, vocais e bucais, solicitando que mostrassem novamente para observação dos demais.”

Segundo seu registro reflexivo, os comentários foram bastante pertinentes, com manifestação de percepções como: “a Juliany tá usando



¹⁰ O formador produziu o texto a partir da experiência do curso: *Percursos de Aprendizagens na Educação Infantil - Escuta ativa e a exploração musical na DRE Penha, 2011.*

a língua para fazer o som dela”; ou o “Hiago tá usando a garganta.” Com referência às pregas vocais.

Ao que tudo indica, a abordagem foi bastante produtiva. Ela relata que “a atividade superou as expectativas, pois se estendeu por quarenta minutos, repletos de demonstrações de satisfação na exploração das possibilidades de emissão sonora do aparelho fonador.”

“Observei que as crianças estão mais atentas às orientações e curiosas durante a realização das atividades musicais, pois participam ativamente, permanecendo um tempo maior em silêncio, escutando os comandos e buscando verbalizar suas descobertas utilizando um tom de voz mais baixo, conquistas provenientes das propostas do curso.”

O que ela nos conta no seu TP, (Trabalho Pessoal), no entanto, vai além daquilo que foi proposto ser trabalhado, incorporando outros aspectos e temas que já haviam sido abordados no curso. De acordo com a professora, “as crianças foram convidadas a fazer uma roda de conversa, na qual expliquei a proposta de atividade do dia. E logo começaram a surgir os comentários:

- Eu ouvi um carro! - Disse Eduardo.

- Eu to ouvindo um passarinho fazendo piu-piu! - comentou Gabriela, imitando seu canto.

Os demais, ao mesmo tempo, quiseram compartilhar suas escutas. Diante disso, notei um grande interesse pela exploração da paisagem sonora.”

O tema “paisagem sonora” foi tratado em nossa primeira pauta e, como podemos constatar nesse caso, passou a ser uma atividade permanente ou pelo menos recorrente, já que reapareceu em outra ocasião. Acredito ser uma perspectiva animadora, já que a separação dos fenômenos reserva uma função didática, mas eles acontecem simultaneamente. É possível identificar na passagem narrada que as crianças depõem a favor desta concepção. Elas sintetizaram um acontecimento muito constante e complexo no trabalho musical em qualquer instância: na elaboração de expressão musical, não se pode parar de ouvir!

Há, entretanto, que se incluir na atividade da audição, por vezes, a prática necessária da escuta do silêncio. Foi o que aconteceu no encaminhamento da atividade proposta: “solicitei que se deitassem e fizessem silêncio para escutar os sons ao nosso redor. Depois que foram se acalmando, parando de mexer as pernas e os pés, realizei alguns comandos



para auxiliar nos exercícios de respiração, fazendo de conta que estavam enchendo e esvaziando uma bexiga, inspirando pelo nariz e expirando pela boca. Em seguida, pedi que se sentassem e realizamos um breve alongamento com os ombros, cabeça e pescoço em variadas direções, com movimentos lentos.”

Temos aqui outro fator muito relevante que um trabalho cuidadoso com voz apresenta. Como já foi mencionado, o funcionamento da voz também é subordinado a estruturas fisiológicas e conseqüentemente, depende da percepção e consciência de mecanismos corporais como respiração, tonicidade muscular adequada para diferentes emissões, postura para propiciar variedade de colocação vocal, reverberação, entre outras. Independente de qualquer outro desdobramento ou raciocínio mais detalhado, esta maneira de conduzir a atividade coloca de uma maneira sensória, adequada à elaboração das crianças, vínculos intrínsecos entre voz e biomecânica corporal.

Vamos continuar observando o depoimento da professora Vanessa: “Quando terminamos o aquecimento do corpo, conversamos sobre as diversas possibilidades de produzir sons com a nossa voz, com a boca e com ambos. Rapidamente, a Gabriela disse:

- Eu consigo fazer o som do cavalo. É assim - e imitou o som de trote.

Essa fala instigou as demais crianças que queriam socializar suas descobertas. Neste momento, orientei que cada uma deveria pensar sobre seu som para expressar, uma de cada vez, e assim ocorreu. A maioria criou sons bucais, movimentando com intensidade a língua, enquanto poucos produziram sons vocais.

O momento mais divertido foi a roda musical em que combinamos algumas regras para criação de um coral, buscando alternar o som e o silêncio na emissão de sons longos e curtos.

O início foi tumultuado porque o grupo mantinha o som, tendo dificuldade de parar, gerando um barulhão. Mas gradativamente, as crianças foram se apropriando dos comandos e conseguimos realizar alguns períodos longos e curtos, nos quais imitavam os movimentos que fazia com as mãos e braços, para ilustrar a proposta, como se fossem os maestros de uma pequena orquestra de cantores.”

O desenrolar da atividade inclui aspectos relevantes e que são pertinentes a um espectro que abrange mais do que apenas o universo musical. Do ponto de vista dos elementos que constituem a linguagem musical, temos como foco do conteúdo, por meio do trabalho com voz



o timbre, a relação som e silêncio, duração destes, simultaneidade e sucessividade de sons e a correspondência entre gestos corporais e gestos sonoros ou, no nosso presente caso, vocais.

Os tópicos dos quais tratamos foram discutidos em nossos encontros a partir da cooperação das participantes que experimentaram as propostas elaboradas nos grupos e apresentaram contribuições que revelaram certo paralelismo, mas também particularidades, como pode-se conferir no relato da professora Rosana Bruciaferi Urbaninho do CEI Anna Florência Romão da DRE Penha: “Mais uma vez as crianças me surpreenderam. Enquanto estávamos fazendo o exercício usando o diafragma, eu perguntei a eles se perceberam o que acontecia com o ar que respiramos, e prontamente o Marco respondeu que, quando a barriga ficava grande o ar saia, e quando a barriga ficava magra o ar entrava. Percebi que enquanto eu dava o comando barriga grande, barriga pequena, muitos deles colocavam a mão na barriga para sentir o movimento, e algumas crianças faziam biquinho com a boca, todos perceberam que havia alguma relação com a respiração”. Esta é uma parte da atividade que abrange outras dimensões e que não diz respeito apenas à musical, mas que no trabalho com voz é fundamental, como já salientamos.

Naquilo que se refere mais especificamente à música, a professora relata que “na produção do som, conforme ia solicitando que produzissem o seu som, o Júlio foi identificando se o som era igual ou diferente. Encontrei dificuldade na regência, as crianças não atendiam o comando de parar, eles se empolgam produzindo som e fecham os olhos, ou olham para o amigo, balançam a cabeça e se esquecem de observar o comando. Pensei numa outra oportunidade ter como comando apagar a luz da sala, acho que é um excelente exercício para a concentração, posso ir aumentando o grau de dificuldade aos poucos”. Dois pontos chamam atenção, um é a empolgação das crianças, o que reforça o envolvimento com a atividade, outro é que a solução de apagar a luz pode ser uma alternativa de estratégia para chegarmos ao trabalho mais interessante que é o da correspondência entre gesto ou movimento corporal e produção sonora.

Qualquer que seja o recurso é interessante que não paremos de pensar, imaginar e criar soluções alternativas que resolvam os entraves que se apresentam em nossa rotina. Nesse sentido, parece bastante animador que tenhamos oportunidades de troca de informações e experiências. A professora Rosana, entre outras participantes da formação, depõe nessa direção: “O meu conceito do que é música modificou bastante, pois antes do curso, música era apenas um recurso ou um preenchimento do tempo



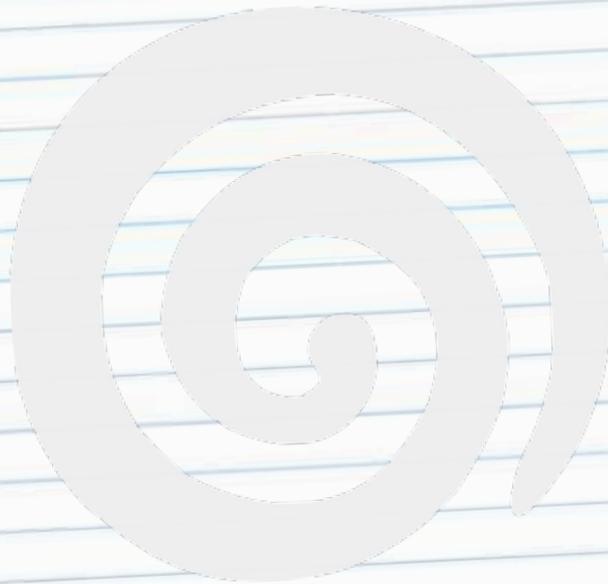
'ocioso', agora percebo que podemos olhar para dentro do nosso corpo, observar melhor os espaços internos e externos, modificar os objetos que nos cercam e o meio em que vivemos, além de trabalhar a atenção e concentração. A minha curiosidade foi aguçada para trabalhar música com as crianças, tive oportunidade de pensar como construir um plano anual para trabalhar com as crianças."

Esperamos que a experiência dessas professoras possam promover novas práticas também na sua unidade escolar. Bom trabalho!

Foto: Acervo Formadora Líliliana Bertolini



BLOCO DE ANOTAÇÕES



BLOCO DE ANOTAÇÕES



DIAGNOSTICANDO O TRABALHO COM A MÚSICA NA UNIDADE

1. O ambiente da escola ou do CEI é agradável do ponto de vista da qualidade do som? Os espaços são equipados para absorver os ruídos mais agressivos aos ouvidos das crianças e dos professores?
2. Existe espaço na minha prática de educadora para as crianças fazerem pesquisa sonora?
3. As crianças tem oportunidade de compartilhar com os colegas as músicas que gostam de ouvir?
4. Além de compartilhar o que já conhecem, as crianças também podem conhecer novas músicas, pouco familiares para ela?
5. O repertório que é oferecido às crianças é diversificado do ponto de vista da origem e da musicalidade? Por exemplo, há músicas de diferentes povos e culturas? E, ainda, há diferentes tipos de gêneros musicais?
6. O momento de ouvir música com as crianças é planejado tendo em vista o que se espera que as crianças aprendam? Há intenção, por exemplo, de ajudá-las a reconhecer algumas qualidades do som, tal como timbre, altura, densidade etc?
7. Existem critérios claros para a seleção de músicas para bebês? Elas são oferecidas sistematicamente como parte das atividades da turma ou aparecem apenas como música de fundo nos momentos de espera?
8. Além de canções e músicas infantis, as crianças também tem a chance de ouvir outras músicas mais instrumentais com o propósito de conhecer aspectos da qualidade dos sons e dos diferentes instrumentos musicais?
9. Está previsto no planejamento da Unidade oportunidades para que as crianças possam construir e explorar instrumentos musicais com o propósito de aprender a escutar?

DE OLHO NA PRÁTICA

Pesquisa de sons

Faça uma pesquisa de sons com as crianças de sua turma. Algumas propostas podem ser bastante instigantes para o grupo. Anote as sugestões:

1. Procure descobrir a paisagem sonora do mesmo espaço em horários diferentes do dia. Quais os sons que você ouve no caminho para a escola?
2. E os sons das histórias infantis, como são imaginados? Como será a sonoridade do castelo da bruxa, do palácio da Bela Adormecida, do Sítio do Pica-pau amarelo?



Foto: Profe Ivone CEI Recanto Campo Belo DRE Capela do Socorro



Sons da escola na perspectiva das crianças

REPERTÓRIO MUSICAL

Liliana Bertolini¹¹

No início de cada encontro de formação, os formadores propuseram aos professores que ouvissem uma música e aprofundassem a escuta de outros repertórios. Era o momento do exercício da escuta ativa, com a conscientização do referencial do gênero musical, compositor, intérprete, instrumentos e apreciação da peça musical para um trabalho mais completo com as professoras e as crianças. Nessa hora também foi elaborada uma ficha de música contendo os seguintes dados:

Ficha Musical

Nome da música: _____

Compositor: _____

Intérprete: _____

Instrumentos que acompanham: _____

Arranjador: _____

Outras informações que se considere importante: _____

Os professores foram orientados sobre como é importante listar os CD trazidos com encarte. No curso: Percursos de Aprendizagens na Educação Infantil: A Escuta Ativa e Exploração Musical, uma discografia era disponibilizada ao final da primeira pauta. Os CD estavam organizados em estilos: infantil, étnicos, eruditos, MPB e experimentais. Esta prática pode ser desenvolvida para se levantar o acervo da Unidade e também para que o professor e as crianças descubram que, muitas vezes, o intérprete da música não necessariamente é o compositor. Além de conhecer o processo que leva os CD para a mídia e as prateleiras das lojas.

¹¹ Texto produzido pela formadora para o primeiro encontro de formação do curso: Percursos de Aprendizagens na Educação Infantil - A Escuta ativa e exploração musical organizado pela Diretoria de Orientação Técnica Educação infantil - Secretaria Municipal de Educação - São Paulo, 2010.

Na educação infantil, há várias possibilidades:

1. as crianças menores, que estão iniciando a vida escolar, podem observar os professores preenchendo a ficha com as informações ditadas por elas. Essa é uma oportunidade para que as crianças observem situações de produção escrita do professor e construam sentido para os possíveis usos que se pode fazer desse material.

2. outras podem escrever de próprio punho em duplas, quando precisam confrontar suas hipóteses com as dos colegas, ou mesmo individualmente, recorrendo à lista de nomes da sala ou outros suportes de texto de onde podem trazer informações necessárias à sua própria escrita.

Este é um exercício importante para professores e crianças. Estas desde bem pequeninhas, podem e devem ouvir as peças musicais e aprender a levantar as características, formas, instrumentos, andamento de cada peça. Ouvir também a mesma peça tocada por outros músicos, com arranjo diferente, enfim, outra maneira de abordar a música é importante, pois mostra para professoras e crianças a riqueza da música.

Que tal ampliar a escuta musical das crianças com quem você trabalha?



Foto: Acervo Formadora Lílana Bertolini



INDICAÇÕES PARA LEITURA E PESQUISA

- ALALEONA, Domingos. **História da música**. São Paulo: Ricordi, 1972.
- ANDRADE, Mário de. **Música, doce música**. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 3ª edição, 2006.
- _____. **Pequena História da Música**. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1980.
- ARAÚJO, Alceu Maynard. **Danças, recreação, música**. São Paulo: Melhoramentos, 1964.
- BARBOSA, Ana Mae. **Arte educação: conflitos/acertos**. São Paulo: Max Limonad 1988 .
- BRITO, T. A. **Kollreutter educador – O Humano como objeto da educação musical**. São Paulo: Editora Fundação Peirópolis, 2001.
- _____. **Música na Educação Infantil**. São Paulo: Editora Peirópolis, 2ª. Edição, 2003.
- CHATEAU, J. **O jogo e a criança**. São Paulo: Summus editorial, 1987.
- FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade**. São Paulo: Paz e terra, 1994.
- GADOTTI, Moacir. **Convite à leitura de Paulo Freire**. SP: Scipione, 1991.
- GAINZA, V. **La iniciación musical del niño**. Buenos Aires: Ricordi, 1970.
- _____. **Planejamiento de la enseñanza musical**. Buenos Aires: Ricordi: 1981.
- Gibson, Gary. **Explorando o universo sonoro**. São Paulo: Ed. Callis, 1995.
- HOLST, Imogen. **El maravilloso mundo de la música**. Madrid: Novograph, 1972.
- JEANDOT, Nicole. **Explorando o Universo da Música**. Editora Scipione, 2ª Edição, 2002.
- MARSICO, Leda Osório. **A criança e a música**. Porto Alegre: Globo, 1982.
- MOURA, Ieda. **Musicalizando crianças**. São Paulo: Editora Atica, 1989.
- NOVAES, Iris Costa. **Brincando de roda**. Rio de Janeiro: Livraria Agir Editora, 1986.
- PIRES, Maria Cristina de C. **O som como linguagem e manifestação da pequena infância: Música? Percussão? Barulho? Ruído?** Dissertação de Mestrado, FE/UNICAMP, 2006 .
- SCARASSATTI, Marco A. **Walter Smetak: O alquimista dos sons**. Edições SESC SP / Editora Perspectiva, 2008.
- SCHAFER, R. MURRAY, O. **O ouvido pensante e a afinação do mundo**. São Paulo: Editora UNESP, 1992.
- _____. **O ouvido pensante e Hacia una educación sonora**. Buenos Aires: Ed. Pedagógicas, Musicales Abiertas, 1994.

STOKOE, Patricia e Harf, Ruth: **Expressão corporal na pré - escola**. São Paulo: Sumus editorial, 3ª edição, 1987.

TINHORÃO, José Ramos. **História social da música popular brasileira**. São Paulo: Editora 34, 1998.

Catálogo

MUSEU DE ARTE MODERNA DE SÃO PAULO (São Paulo, SP). **Smetak Imprevisto: catálogo**. [São Pau-lo] Museu de Arte Moderna de São Paulo, outubro/dezembro 2008.

DISCOGRAFIA

INFANTIS:

- Selo Palavra Cantada – Canções de ninar, Canções de brincar, Cantigas de roda, Canções curiosas, Pé com pé, Canções do Brasil, Rumo.
- Os Saltimbancos, Arca de Noé 1 e 2
- Amigos do peito – Formato
- Dois a Dois – Grupo Rodapião – MG
- Tindolelê – Lídia Hortélio
- Outras Terras – Maria Berenice de Almeida e Magda Pucci
- Histórias da MPB para Crianças – Simone Cit
- Catibiribão – MG
- Canções

ÉTNICOS:

- Marlui Miranda – IHU
- Grupo Mawaca

CLÁSSICOS:

- As quatro estações – Vivaldi
- Concertos de Brandenburgo – Bach
- Sonatas , Concertos para piano e Sinfonias – Mozart
- O carnaval dos animais- Saint Saens



- Pedro e o lobo – Prokofiev
 - Sinfonias n.1 a 9 – Beethoven
 - Sinfonia dos brinquedos - Haydn
 - Suíte Quebra Nozes – Tchaikowsky
- Música Aquática e M. para os reais fogos de artifício – Haendl

EXPERIMENTAIS:

Grupo UAKTI

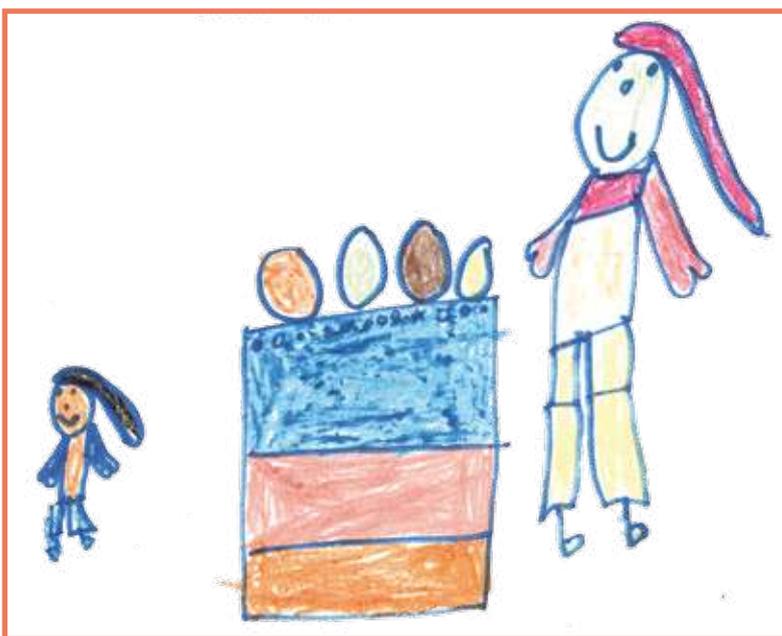
Grupo GEM

Barbatuques

Música Aquática e M. para os reais fogos de artifício – Haendl

Pixinguinha, Chiquinha Gonzaga, Waldir Azevedo, Luiz Gonzaga, Caetano Veloso, Gilberto Gil, Chico Buarque de Holanda, João Bosco, Paulinho da Viola, Tom Jobim, Toquinho, Vinicius de Moraes, Egberto Gismonti, Hermeto Pascoal entre outros.

Foto: Arquivo da EMEI Cidade do Sol



Crianças construindo os instrumentos



CHORINHO, A ALMA BRASILEIRA DA MÚSICA POPULAR

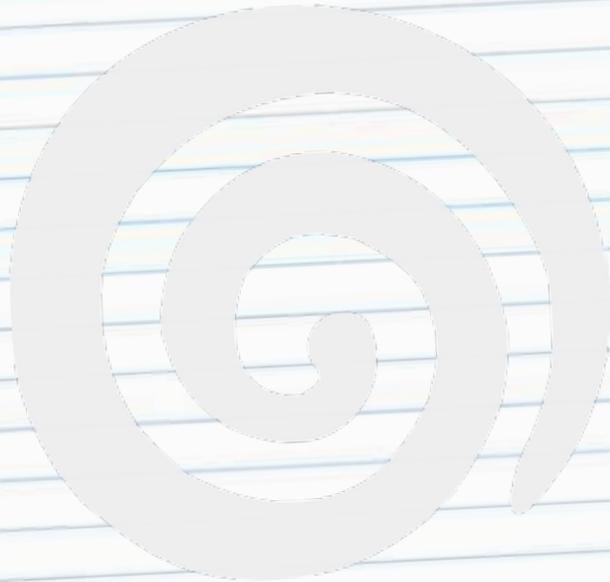
“O Choros é a música popular. No Brasil, Choros, como se pode dizer samba ou outra coisa, são sempre músicos que tocam, músicos bons ou maus, que tocam como bem lhes apraz, frequentemente à noite, que fazem improvisações em que o músico mostra sua vocação, sua técnica. E isso é sempre muito sentimental, eis a questão! ...Todos tocam com seu coração, sem regras, sem nada, a liberdade do ar! É muito bonito! ...Comecei (os Choros) com o violão, fiz algo típico. Depois fiz um gênero de música de câmara muito pretensioso... A improvisação, a fonte da alma pura, etc... na forma de música de câmara. Então fiz a síntese dos efeitos, a síntese da técnica... Em suma, uma nova forma de composição musical, em que são sintetizados diferentes tipos do folclore musical brasileiro e índio, tendo como seus principais elementos rítmicos melodias de caráter popular... peças construídas segundo uma forma técnica especial, baseada nas manifestações sonoras dos hábitos e costumes dos nativos brasileiros, assim como nas impressões psicológicas que trazem certos tipos brasileiros, extremamente marcantes e musicais”

Villa-Lobos, citado por Donatello Grieco, Roteiro Villa-Lobos. Fundação Alexandre de Gusmão. Brasília, 2009.

BLOCO DE ANOTAÇÕES



BLOCO DE ANOTAÇÕES



DIRETORIA DE ORIENTAÇÃO TÉCNICA

DIRETORA

Regina Célia Lico Suzuki

DIRETORA DOT EDUCAÇÃO INFANTIL

Yara Maria Mattioli

EQUIPE TÉCNICO PEDAGÓGICA

Fernanda Silva Noronha

Gislaine dos Santos Koenig

Maria Heloisa Sayago França

Marilda Aparecida Bellintani Jamelli

Matilde Conceição Lescano Scandola

Patrícia Maria Takada

Raquel de Campos Felizolla

EQUIPE TÉCNICO ADMINISTRATIVA

Edna Ribeiro da Silva

Sylvete Medeiros Correa

Vitor Hélio Breviglieri

Gilcenalba Viginio dos Santos (*Estagiária*)

DIRETORES REGIONAIS DE EDUCAÇÃO

Eliane Seraphim Abrantes

Elizabeth Oliveira Dias

Hatsue Ito

Isaias Pereira de Souza

José Waldir Gregio

Leila Barbosa Oliva

Leila Portella Ferreira

Maria Angela Gianetti

Maria Antonieta Carneiro

Marcello Rinaldi

Silvana Ribeiro de Faria

Sueli Chaves Eguchi

Waldecir Navarrete Pelissoni

ASSESSORES

Zilma de Moraes Ramos de Oliveira

Ieda Abbud

Maria Paula Vignola Zurawski

Silvana de Oliveira Augusto

FORMADORES DE PROFESSORES

Alessandra Ancona de Faria

Andrea Fraga da Silva

Carlos Alberto Silva

Cinthia Soares Manzano

Fernando Brandão Correia Filho

Francisco Iglioni Gonsales

Isabel Maria Meireles de Azevedo Marques

Joseane Aparecida Bonfim de Barros

Liliana Maria Bertolini

Marcos Marcelo Soler

Rosangela Aparecida Ribeiro Carreira

Sheila Christina Ortega

Stela Maris Fazio Battaglia

Sueli Vital e Silva

Virginia Arêas Peixoto

COORDENAÇÃO GERAL

Yara Maria Mattioli

Zilma de Moraes Ramos de Oliveira

ORGANIZADORA DA PUBLICAÇÃO

Silvana de Oliveira Augusto

GRÁFICA

Coordenação do Centro de Múltiplos Meios :

Magaly Ivanov

Projeto Gráfico e capa:

Joseane Ferreira

Diagramação:

Jennifer Abadia Oliveira Barbosa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

São Paulo (SP). Secretaria Municipal de Educação. Diretoria de Orientação Técnica.

Percursos de aprendizagens : A escuta ativa e a exploração musical - A Rede em rede : a formação continuada na Educação Infantil / Secretaria Municipal de Educação – São Paulo : SME / DOT, 2011.

40p. : il.

Bibliografia

1. Educação Infantil I. Cadernos da Rede - Formação de Professores

CDD 372.21

Código da Memória Técnica: SME34/2011

